

**PLANTAR VIDAS, COLHER HISTÓRIAS: UMA RODA DE CONVERSA
SOBRE PLANTAS COM ESTUDANTES JOVENS E ADULTOS DO CEJA-
ITABORAÍ**

**PLANTAR VIDAS, COSECHAR HISTORIAS: UNA CONVERSACIÓN SOBRE
PLANTAS CON ESTUDIANTES JÓVENES Y ADULTOS DE CEJA-ITABORAÍ**

Dayana Maria Silva Simões

Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ
dayanasimoes@ufrj.br

Amanda de Oliveira Sampaio

Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ
sampaioamanda@gmail.com

Juliana Marsico

Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ
jumarsico@gmail.com

RESUMO

O presente estudo convida para uma reflexão gerada pela produção de um livro digital ou e-book, fruto de oficinas no formato de rodas de conversa, realizadas durante o período de isolamento social na pandemia de Covid-19. Nelas, mobilizamos o ensino de botânica, nas disciplinas Ciências e Biologia, em parceria com o Centro de Educação de Jovens e Adultos (CEJA-Itaboraí), trabalhando conhecimentos e histórias sobre as plantas, além da relação que cada discente possui com essas formas de vida. O currículo e a formação docente perpassam este estudo na sua trajetória e também são discutidos, analisados e revisitados ao longo deste trabalho.

Palavras-chave: currículo; plantas; rodas de conversa; formação docente; ensino de botânica.

Eixo temático: 1- Currículos de Ciências e Biologia: histórias e políticas educacionais.

Modalidade: Produção de materiais didáticos.

RESUMEN

Este estudio invita a la reflexión generada por la producción de material didáctico a través de talleres en formato de círculos de conversación, realizados durante el período de

aislamiento social durante la pandemia Covid-19. En ellos, movilizamos la enseñanza de la botánica, en las materias de Ciencias y Biología, en colaboración con el Centro de Educación de Jóvenes y Adultos (CEJA-Itaboraí), trabajando en conocimientos e historias sobre las plantas, además de la relación que cada alumno tiene con estas formas de vida. El currículo y la formación docente permean este estudio a lo largo de su trayectoria y también son discutidos, analizados y revisitados a lo largo de este trabajo.

Palabras clave: currículo; plantas; Círculos de conversación; formación docente; enseñanza de botánica.

Eje temático: 1- Currículos de Ciencias y Biología: historias y políticas educativas.

Modalidad: Producción de materiales didácticos.

INTRODUÇÃO

As plantas, organismos presentes na Terra há milhares de anos, desempenham um papel fundamental para a sobrevivência de outros seres vivos, incluindo os humanos, ocupando diversos ambientes, desde espaços naturais como florestas nativas a espaços produzidos pela ação humana, como quintais, parques e áreas verdes, até seu uso em formas modificadas que fazem parte da nossa vida e cultura. A importância das plantas estende-se à alimentação e a aplicações farmacológicas, refletindo a vasta diversidade e potencial de uso, mas também são importantes para a geração de bem estar nas cidades, portanto, tornando o ensino de botânica um campo de conhecimento fundamental para entendermos a complexidade e o impacto das plantas em nossas vidas.

Este texto foi produzido no âmbito do projeto de extensão “As Plantas e o Ensino de Ciências e Biologia: Uma Experiência Sensível na Formação Docente”, vinculado ao Projeto Fundão Biologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). O Projeto Fundão Biologia - UFRJ atua há 40 anos na formação inicial e continuada de professores de Ciências e Biologia, promovendo uma articulação entre universidade e escolas da rede pública do estado do Rio de Janeiro, por meio de ações como oficinas pedagógicas e diversas produções didáticas.

O e-book “Plantar vidas, colher histórias: uma roda de conversa com estudantes jovens e adultos do CEJA-Itaboraí” se apresenta como um material didático desenvolvido por meio de ações do projeto “plantas”, no qual vimos trabalhando a formação docente e o ensino de Ciências e Biologia a partir do mundo vegetal. No presente texto, visamos

evidenciar a forma como o ensino sobre as plantas pode ser protagonizado por meio das narrativas dos sujeitos jovens e adultos.

Nesse contexto, as oficinas realizadas apresentaram muitas discussões geradas acerca das plantas dos estudantes que compartilharam dúvidas, questionamentos e comentários sobre diferentes processos que envolveram as plantas em suas vidas. Assim, além de realizar as oficinas, nós também gravamos e as transcrevemos, e posteriormente materializamos essas atividades através de um e-book para que essas ideias sejam lançadas no ensino, como sementes germinantes são lançadas à terra, e assim, germinem e gerem outras discussões.

As oficinas foram realizadas pela equipe do projeto de extensão em parceria com o Centro de Educação de Jovens e Adultos (CEJA-Itaboraí), uma escola estadual, que fica na região metropolitana do Rio de Janeiro, e atende exclusivamente estudantes jovens e adultos, oferecendo educação básica para aqueles que não tiveram acesso à escolarização na idade considerada “adequada”.

A EJA corresponde a uma das modalidades de ensino da educação básica no Brasil e promove a inserção de sujeitos anteriormente excluídos da educação formal na cultura escolar, sendo produzida, neste âmbito, como um ensino repleto de especificidades que a produzem como *fora da norma*, uma vez que a norma da escolarização é o ensino regular (Marsico e Ferreira, 2018). Os processos educacionais da EJA são ricos em narrativas que se ajustam de acordo com seus participantes, evidenciando a importância desse modelo de ensino adaptado às necessidades específicas dos jovens e adultos. Nesse sentido, buscamos através de oficinas, que ocorreram de forma online¹, realizar atividades que permitissem que os estudantes pudessem oralizar acerca de suas plantas, expondo como se relacionavam com elas no dia-a-dia, apresentando diversas perspectivas de plantio, (re)aproveitamento, afetividade, importância alimentícia e medicinal, dentre outras possibilidades.

Para isso, pretendemos deixar latentes algumas questões que implicam diretamente no processo de ensino-aprendizagem para discentes e docentes, uma vez que essas atividades permitem que os atores envolvidos possam participar de forma ativa na construção de

¹ As oficinas aconteceram em 2020, ano que ficou marcado pela pandemia causada pelo Coronavírus. Por esse motivo, as iniciativas de atividade precisaram ser adaptadas para o modelo remoto para atender aos critérios estabelecidos pela OMS e instituições públicas.

aprendizados. Logo, torna-se relevante abordar e refletir sobre como o currículo e a formação docente se articulam nesses processos de entrelaçamentos e produção de conhecimento escolar, alcançando dimensões sociais e emocionais que se manifestam através da relação de afeto, da conversa e dos discursos mobilizados nas rodas de conversas; e refletir sobre como essa prática atua como estratégia participando da subjetivação dos protagonistas da referida modalidade.

O CURRÍCULO E A FORMAÇÃO DOCENTE NA EJA

Ao propor uma reflexão sobre o material didático aqui apresentado, bem como sobre o processo de produção do mesmo, dialogamos com autores do campo do currículo, em especial como Márcia Serra Ferreira e Thomas Popkewitz. Concordando com Ferreira (2014), entendemos o currículo enquanto uma construção sócio-histórica capaz de produzir e hegemonizar verdades sobre quem somos e o que devemos aprender, emaranhadas por elementos culturais que vêm sendo selecionados com base em critérios não apenas epistemológicos. Se tratando de artefatos culturais, os currículos “constituem formas de regulação social, produzidas através de estilos privilegiados de raciocínio” (Popkewitz, 1994). Logo, são refletidas no currículo as relações de poder e as lutas acerca dos conhecimentos e formas de pensar que são consideradas *válidas* para integrar a educação. Segundo Almeida (2008), os espaços educacionais têm, frequentemente, se mostrado como “focos de luta, de diferenças e de disputas de poder extremamente desiguais”.

Ao consultarmos os documentos normativos curriculares, é possível observar que pouco há espaço para a Educação de Jovens e Adultos e que a modalidade em questão não possui currículo próprio, possuindo o ensino regular como referência. O ensino regular é muitas vezes a modalidade que representa grande parte da experiência escolar dos professores da educação básica, seja por sua própria trajetória como estudante, seja pela oferta de vagas para a docência, ou ainda pelo foco da formação de professores no país. Por um lado, a ausência de diretrizes específicas para a EJA coloca a produção curricular na modalidade na relação com o ensino regular, simultaneamente, tal ausência abre espaços para uma produção curricular específica. Percebemos, nos estudos sobre a modalidade, professores que atuam no sentido de recriar e reinterpretar, nas instituições em que

exercem a docência, sua atuação e a produção curricular a partir de demandas específicas de cada lugar e grupo de alunos, podendo dar lugar à processos de resistência e/ou subversão (Marsico e Ferreira, 2018). A respeito da formação docente, Perrenoud (2001) afirma:

Formar profissionais capazes de organizar situações de aprendizagem. Sem dúvidas, esta é, ou deveria ser, a abordagem central da maior parte dos programas e dos dispositivos da formação inicial e continuada dos professores do maternal à universidade. Tal visão de profissionalismo não significa – como permite supor a expressão francesa tornar-se profissional – que os professores e os futuros professores poderiam limitar-se a adquirir truques, gestos estereotipados, ou, em outros termos, a reforçar a sua prática no domínio do ensino. (Perrenoud, 2001, p.11).

Entendemos aqui a formação docente como um processo contínuo e que ocorre em diferentes espaços, tempos e modalidades escolares a fim de formar professores capazes de atuar e mobilizar conhecimentos diversos em diferentes experiências e frentes de ação. O presente trabalho é produzido a partir de uma experiência de formação docente inicial, enquanto a primeira autora deste trabalho participou como estudante de graduação, integrando o projeto de extensão, o qual lhe trouxe vivências que reverberam até os dias atuais em sua prática docente e também como pesquisadora em um curso de mestrado no campo da Educação. Com isso, entendemos a formação docente enquanto algo complexo ao pensarmos no profissional que deve se formar enquanto futuro professor diante de sua função, demandas e responsabilidades, pois em diálogo com Perrenoud (2001), se tornar professor é muito mais do que criar uma organização que possibilite que o aprendizado ocorra, assim como reproduzir gestos e “truques” que são vistos como algo essencial a todo educador. Assim sendo, pensar na formação docente tendo em mente a complexidade do que é ser um professor é também entender a formação docente enquanto caminho essencial para preparar e suprir as exigências que são impostas ao docente que o indivíduo em formação irá se tornar.

AS RODAS DE CONVERSA

A oficina foi realizada em formato de roda de conversa com o tema “plantas” e buscou através desta metodologia estabelecer trocas entre os envolvidos. Como o próprio nome

já diz, as rodas de conversas carregam consigo a ideia de circularidade de assuntos que em meio ao *disse e me disse*, são cheias de proposições e saberes diversos que estão se cruzando por meio do discurso de quem fala, e ao mesmo tempo atingindo aquele que se “senta” à roda para ouvir e participar, permitindo que haja uma alteridade entre a roda. O formato escolhido para a realização das oficinas traz narrativas dos participantes sobre sua relação, lembranças e/ou afetividade para com os seres plantas. Segundo Rabelo (2011, p. 172), a narrativa permite captar a “riqueza e os detalhes dos significados nos assuntos humanos, tendo como base as evidências do mundo, da vida. Reconstrói-se a experiência refletindo sobre o vivido e dando significado ao sucedido”.

As conversas foram mediadas por provocações feitas pelos extensionistas, de modo a permitir que diversos assuntos fossem falados sem que houvesse limitação do diálogo para favorecer assuntos específicos. Pelo contrário, o modelo adotado pelo grupo era viabilizar um diálogo onde as narrativas pudessem emergir espontaneamente durante a conversa, dando espaço à expressão de sentimentos e experiências vividas. De acordo com Larrosa (2002), a experiência é algo que acontece com o sujeito, que passa com ele e não o que passa por ele, uma vez que muitas coisas se passam, mas poucas coisas o tocam. Para o autor, é o que toca que é transformado em experiência, no encontro entre o que o sujeito já carrega e o que o toca. Desse modo, as trocas promovidas na roda permitem que haja uma resignificação de algo que pertence ao sujeito como marca do que se passou e o tocou.

A presente oficina ocorreu de forma online, como já foi falado anteriormente, sendo este um fator com um certo impacto no desenvolvimento da atividade, pois a pandemia no Brasil gerou profundas mudanças nas dinâmicas sociais, apresentando desafios sem precedentes. As medidas de distanciamento, o uso de máscaras e o trabalho remoto alteraram significativamente as interações sociais. Apesar do aumento da conectividade virtual, muitos indivíduos experimentaram sentimentos de isolamento. Além disso, a crise econômica resultante da pandemia acentuou as disparidades sociais, evidenciando as dificuldades de acesso a recursos e serviços essenciais. Contudo, também pudemos experimentar outras possibilidades no desenvolvimento de atividades, como estas oficinas propostas. Este fato aguçou o desejo de falar e ser ouvido, pois o isolamento também proporcionou momentos de intensas reflexões sobre nós mesmos e sobre o

mundo que nos cerca. Dessa forma, a conversa sobre as plantas abriu espaço para a fala, a escuta, a lembrança e a possibilidades de recordar a vida através das plantas que por sua vez também são formas de vida.

A COLHEITA

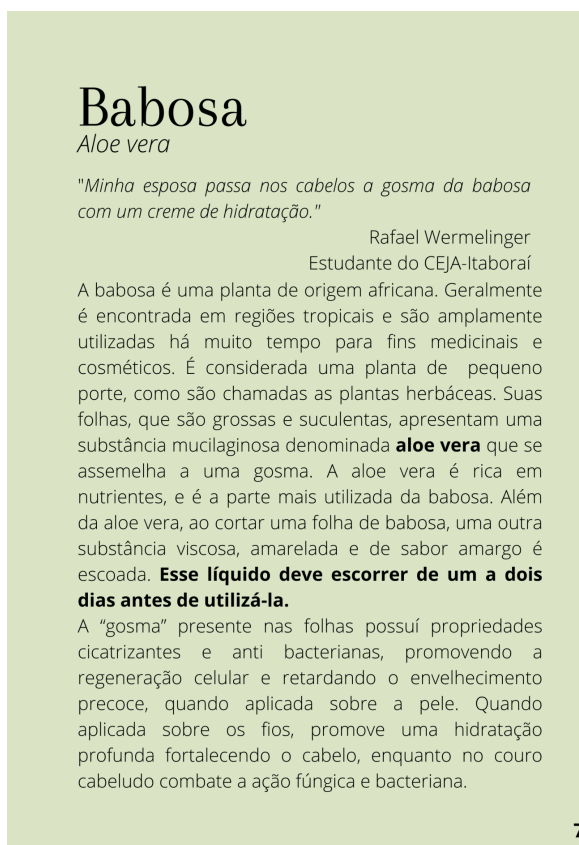
Ao nos depararmos com tamanha riqueza de narrativas, foi-se afluando um desejo de materializar os discursos de alguma forma que pudesse agregar valorização às falas dos estudantes jovens e adultos. A oficina foi gravada para que posteriormente fosse possível revisitar o passado e assim, transformarmos em um material didático que pode ser utilizado não apenas no âmbito da EJA, mas também em outras modalidades. Desse modo, surgiu a demanda de fazer um e-book, um livro em formato digital com todas as falas que chamaram atenção para a relação entre a vida das pessoas e das plantas, assim como esses seres produzem lugares e sujeitos, o que foi possível observar nos relatos dos estudantes sobre as plantas das casas de cada um e também a relação para com estes seres. O conteúdo foi organizado a partir da transcrição das oficinas, de modo que o livro integrasse de forma ilustrada as plantas que se destacaram na roda de conversa, juntos com informações científicas que vão ao encontro das falas dos estudantes, criando um sítio de conexão entre campos de conhecimento e saber.

O e-book intitulado: “Plantar vidas, colher histórias” é pensado nesse contexto e segue uma organização que destaca falas dos estudantes, mas também abarca outras informações acerca das plantas. A necessidade dessas outras informações surge através da demanda de agregar o conhecimento científicizado ao que já é sabido popularmente pelos estudantes, para que assim, o leitor consiga identificar a riqueza do conhecimento de forma ampla e não restrita a grupos determinados. É possível ainda que sejam feitas conexões entre uma coisa e outra, permitindo que pontes sejam construídas para o conhecer e (res)significar aquilo que se sabe -ou não- acerca do mundo que os cerca.

A estrutura do livro digital está dividida em três capítulos com as seguintes temáticas: As plantas e seus usos cosméticos; Usos medicinais e Afetos. Esses três capítulos foram pensados de acordo com o que os próprios estudantes colocavam como pautas para dividir com o grupo. Dessa forma, ao realizar o processo de transcrição, tornou-se evidente a necessidade dessa divisão com o intuito de situar o leitor no contexto, demonstrando que

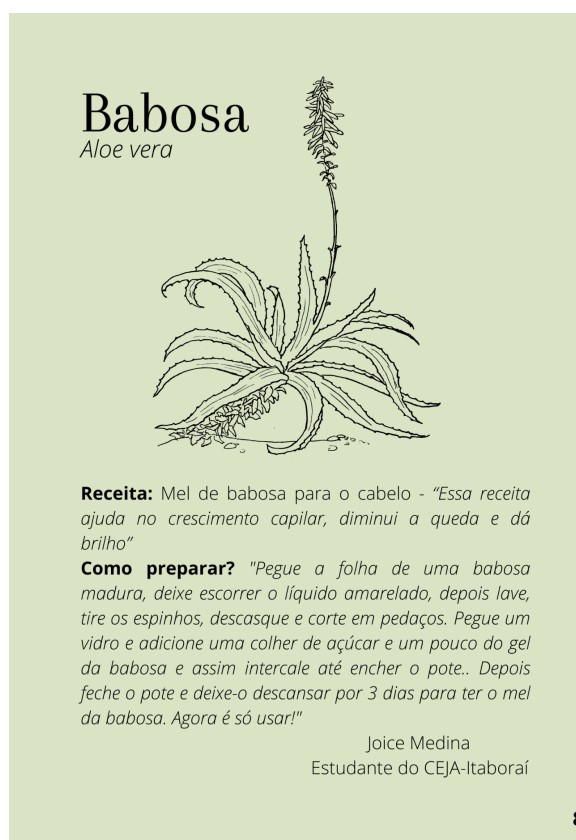
a conversa passou fortemente pelas temáticas supracitadas. Além disso, no início de cada capítulo foram acrescentadas introduções para conferir mais robustez ao e-book.

Figura 1 : Página do e-book “Plantar vidas, colher histórias” com informações referente à planta Aloe Vera, conhecida como Babosa.



Fonte: E-book “Plantar vidas, colher histórias”, 2024.

Figura 2 : Página do e-book “Plantar vidas, colher histórias” com ilustração da planta Aloe Vera, conhecida como Babosa, seguida de uma receita indicando uma forma de utilizar a planta.



Fonte: E-book “Plantar vidas, colher histórias”, 2024.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi exposto, podemos refletir acerca do e-book como potente material para o ensino de Ciências e Biologia, podendo ser utilizado em atividades diversas. Desse modo, este livro digital configura-se como um material didático encarado como não convencional, pois o mesmo foi pensado para materializar o ciclo de oficinas realizados com os estudantes jovens e adultos, mas que pela grande riqueza de conhecimentos entrelaçados, torna-se uma possível ferramenta de ensino e aprendizagem no campo educacional. Mobilizando o ensino de botânica, o corpo docente pode encontrar nesse

material inúmeras possibilidades para utilizá-lo em diferentes segmentos e modalidades. A utilização do e-book “Plantar vidas, colher histórias” nas mais diversas formas, torna possível que ao ensinar sobre plantas, os discentes olhem esses seres para além da forma endossada como estamos acostumados a vê-las: setorizando e caracterizando os tipos de plantas existentes, surgindo então um espaço para olhar as plantas como seres que se relacionam conosco. Ao abrir espaço para olhar a relação para com esses seres e desses seres para com os lugares e as formas de vida, vemos que esses processos se constituem no espaço, de modo que haja uma conversão daquilo que é imaginado como *espaço* em *lugar* (Viñao Frago 1943).

Argumentamos que o e-book trata-se de uma potente ferramenta capaz de criar *lugares* que permitem processos de subjetivação docente e discente, de modo a subverter as práticas normalizadas (Marsico e Ferreira, 2018) que são comumente encontradas no ensino de botânica previsto no currículo de Ciências e Biologia. Tais práticas educativas são muitas vezes inquestionáveis por já estarem naturalizadas em nossa sociedade. Por isso, entendemos que todos os componentes já citados conferem expressões curriculares e são portanto “procedimentos múltiplos e regionalmente organizados, regras e obrigações que organizam e disciplinam a forma como o mundo deve ser visto, sentido e como se deve agir e falar sobre ele” (Popkewitz, 1997, p. 22). Dessa forma, é possível compreender que o investimento em atividades que incluam outros materiais, pode contribuir para formação de identidades e subjetividades no contexto escolar.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Claudia Cristina Medeiros de. **A formação docente na educação de jovens e adultos: uma análise discursiva**/ Claudia Cristina Medeiros de Almeida – Maceió, 2008.

FERREIRA, M. S. Currículo e cultura: diálogos com as disciplinas escolares Ciências e Biologia. In: MOREIRA, A. F.; CANDAU, V. M. (org.). **Currículos, disciplinas escolares e culturas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

LARROSA, J. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Universidade de

Barcelona, Espanha: 2002.

MARSICO, J; FERREIRA, M. S.. Produzindo currículos e professores de Ciências na EJA: entre normalizações e deslocamentos. **Revista Teias**, Rio de Janeiro , v. 19, n. 55, out. 2018 .

PERRENOUD, Philippe, PAQUAY, Léopold (et al) **Formando Professores profissionais: Quais estratégias? Quais competências ?** 2ª. edição ver. Porto Alegre: Artmed editora, 2001.

POPKEWITZ, T. S. **Reforma educacional: uma política sociológica.** Poder e conhecimento em educação. Trad. Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

POPKEWITZ, T. S. “**História do currículo, regulação social e poder.** In: SILVA, T.T. (org.) *O sujeito da educação: estudos foucaultianos.* 6 ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

RABELO, A. O. A importância da investigação narrativa na educação. **Educação & Sociedade**, v. 32, n. 114, p. 171–188, jan. 2011. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br/>>. acesso em 23 abr. 2024.

VIÑAO-FRAGO, Antonio, 1943- **Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa** / Antonio Viñao Frago e Agustín Escolano: Tradução Alfredo Veiga Neto. -2 edição- Rio de Janeiro: DP&A, 2001